

A MPB COMO FERRAMENTA DE PROTESTO DURANTE A DITADURA MILITAR BRASILEIRA (1964 A 1985)

ELIETE VICENTIN FILIPINI¹

Resumo. Este trabalho tem como objetivo central estudar a Música Popular Brasileira, a sua influência social e político-ideológica durante a Ditadura Militar no período de 1964 a 1985. A MPB, uma vertente que surge dentro da Música Popular Brasileira, podendo ser entendida como “Música Política Brasileira”, foi uma das mais fortes ferramentas de oposição ao sistema, transformando a sociedade e contribuindo para a mudança política do país.

Palavras Chaves: História, Política, Ditadura Militar, Música, MPB, oposição.

Abstract. This work aims to study Brazilian Popular Music, its social and political-ideological influence during the Military Dictatorship from 1964 to 1985. MPB, a branch that appears within the Brazilian Popular Music, can be understood as "Music Brazilian policy, "was one of the strongest tools of opposition to the system, transforming society and contributing to political change in the country.

Keywords: History, Politics, Military Dictatorship, Music, MPB, opposition.

Introdução

O artigo se propõe a resgatar o período histórico dos anos 1950, quando o Brasil passava pelo início da industrialização até os anos 1980, quando chega ao fim a Ditadura Militar. Neste contexto, o país passa por uma crise política que leva desde um presidente ao suicídio até a um golpe civil-militar que duraria 21 anos.

Tratar a política e sociedade neste período através da música é o que propomos neste artigo. Desde sempre a música se tornou um agente atuante da história, seja no campo político, social e cultural mostrando etnias, classe sociais, regiões ou folclores. Ela se tornou uma linguagem universal, mostrando

¹ Graduada em História pela Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Paranavaí, atual UNESPAR - Campus Paranavaí em 2008. filipini_outlook.com

o cotidiano, ampliando os horizontes dos que vivem à margem da sociedade, valorizando os detalhes, dando vida ao esquecido.

Cantar os problemas da sociedade é o papel da MPB nos anos 1960 até os 1980. Ou mais, cantar a denúncia, fazer o apelo, mostrar a opressão, a censura, o medo do dia a dia, passar um recado, enviar uma mensagem, é esse o personagem interpretado pela Música Popular Brasileira, o de protagonista da resistência, ou de antagonista do sistema, cantando o nacional-popular. Nesse artigo a MPB será apresentada como ferramenta de protesto, por isso analisaremos como ela se tornou esse instrumento, essa arma, como ela alcançou esse objetivo.

O momento faz a Música

Mas um dia o gigante despertou, / Deixou de ser gigante
adormecido/ E dele um anão se levantou:/ Era um/ País
subdesenvolvido! / subdesenvolvido! /subdesenvolvido!
/subdesenvolvido!²

Desde o fim da Segunda Guerra Mundial a influência do modelo americano de forma de vida estava euforicamente se espalhando pelo mundo todo, “(...) e não foi diferente no Brasil (...)”. Como mostra Diniz e Cunha (2014, p. 104) “(...) a classe média brasileira do período JK vivia sonhos e desejos similares aos da classe média nos Estado Unidos. Os americanos propagandeavam o *american way of life*, ‘o jeito americano de viver(...)’”.

A década de 1950 surgiu como um raio no cenário político e cultural no Brasil. A política entrou em ebulição com a volta de Getúlio ao poder e ferveu ainda mais quando ele se suicidou entrando definitivamente para a história do país. Na cultura estava surgindo uma nova forma de fazer música. O jeito Bossa Nova, que é muito influenciado pelo jazz, transformou não só a música, mas também o jeito de ser das pessoas nos anos 1950. Houve até mesmo uma separação de classe no Rio de Janeiro, por exemplo, os pobres no morro e na zona Norte e os ricos na Zona Sul, e nessa zona Sul um grupo de rapazes fez a Bossa Nova ser a Bossa nova, que é oriunda de uma faixa urbana da

² Música **Canção do Subdesenvolvido** – Compositor Carlos Lyra e Chico de Assis – Lançamento 1962 – Interprete Conjunto CPC.

população. Junto a esse estilo surge basicamente um novo país, o Brasil que Juscelino Kubitschek pensou, da política, da economia e sociedade que evoluiu *50 anos em 5*, os Anos Dourados se misturam com a Bossa Nova. O Brasil entrou na vanguarda de sua época, é como se um não existisse sem o outro, a evolução política desse país nos anos dourados de Juscelino Kubitschek passou pela evolução musical da Bossa Nova e o país estava pronto para atingir níveis nunca antes alcançados que mudaram os destinos de todos até os dias de hoje.

No governo JK, o país viveu um momento de euforia desenvolvimentista, de crescimento econômico espetacular (10% ao ano), de consumo desenfreado, e novos produtos das multinacionais invadiram o nosso mercado. O automóvel era o símbolo de um “governo bossa nova” (DINIZ; CUNHA, 2014, p. 101-102)

O contexto da Bossa Nova é emergente, no qual a construção de Brasília, que se tornaria a nova capital do país é o exemplo indubitável disso. Essa nova forma de fazer música junto a política desenvolvimentista de JK representa o que foi o Brasil nesses anos, conhecido como anos dourados. Era basicamente a transformação do país; de um país subdesenvolvido que passaria pelo projeto de Kubitschek e se tornaria um país industrializado, moderno, avançado a caminho de uma grande potência. De uma população sem poder aquisitivo a uma sociedade consumista. De um povo que ouvia pelo rádio a informação a um povo que passa a ver nas TVs³, recém-chegadas, os seus cantores preferidos nos programas.

De acordo com José Ramos Tinhorão a Bossa Nova não é um gênero musical e sim uma maneira de tocar. A Bossa Nova tem como marco “Chega de saudade” de João Gilberto, no Rio de Janeiro, mas nos anos dourados de JK, outro bossa-novista se destacou: Juca Chaves lançou *Presidente Bossa Nova*, que trouxe uma sátira de JK e seu mandato, uma crítica bem sensível a seus atos como político e até sobre seus familiares. A mais explícita vem na parte da música que diz “(...) mandar parente a jato pro dentista, almoçar com

³ No Brasil, em 1950, houve acesso a um sinal aberto de TV após a inauguração da TV Tupi, pelo jornalista Assis Chateaubriand – Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>>. Acesso em: 12 mar. 2017.

tenista campeão (...)” (Presidente Bossa Nova, Juca Chaves, 1957) e que mesmo que de forma suave não deixou passar o fato de o presidente mandar parentes de avião ao dentista e ter convidado a tenista Maria Esther Bueno para um almoço em homenagem ao terceiro título conquistado por ela em Wimbledon.

Presidente Bossa Nova⁴

Bossa nova mesmo é ser presidente
Desta terra descoberta por Cabral
Para tanto basta ser tão simplesmente
Simpático, risonho, original.

Mandar parente a jato pro dentista,
Almoçar com tenista campeão,
Também poder ser um bom artista exclusivista
Tomando com Dilermando umas aulinhas de violão

Não há um motivo pelo desinteresse das pessoas pela música popular brasileira (Bossa Nova). Como diz Campos, “já se tentou encontrar mais de uma explicação para o súbito decréscimo de interesse do público pela música popular-brasileira e o concomitante ascenso vertiginoso do iê-iê-iê entre nós” (CAMPOS, 1978, p. 51). Um dos motivos certamente é o advento da televisão e com ela os programas como “O Fino”, que não é mais da Bossa, e a “Jovem Guarda”, o primeiro com Elis Regina, o segundo com Roberto Carlos, todos na tevê Record de São Paulo. Porém, o mais provável seja mesmo a monotonia que caiu o repertório dos compositores. Se os anos 1950 foi Bossa Nova, o início dos anos de 1960 será Jovem Guarda. E como diz Vilarino (1999), “a jovem guarda está para São Paulo como a Bossa Nova está para o Rio de Janeiro”, isso culmina com a saída da capital do Rio de Janeiro que foi para Brasília e também com o crescimento de São Paulo como capital industrial do país. Porém, a jovem guarda tem o benefício da televisão, suas músicas eram ouvidas e vistas pela televisão. No entanto, ocorre que a situação muda em 1964. O golpe civil-militar ocorrido no dia 31 de março (1º de abril) de 1964 transformou a situação da cultura no nosso país e a “Jovem Guarda foi mais

⁴ Música **Presidente Bossa Nova**, compositor: Juca Chaves, ano de lançamento: 1957.

um movimento um tanto conformista e menos transgressor”. (VILARINO, 1999, p. 18)

E este golpe é outro ponto que fez a Bossa Nova cair em esquecimento, o ambiente que surgiu, a nova condição política dos anos mais cruéis do país e junto a isso uma geração de ouvintes (público) mais intelectualizado, crítico, engajado, um novo público que rejeitava a música que falava de sol, praia, mar e que desejava uma música que falasse do momento, que fizesse a crítica, que engajasse uma causa, esse público queria ser ouvido e fez uso de uma ferramenta que alcançava muitos: a música política, ou MPB. Surge então uma nova vertente da música popular brasileira: a MPB ou música de protesto ou música engajada nacionalista, como ficou conhecida.

De forma geral a música já se fazia ser ouvida através da política ou fazia uso da política para ser ouvida, ou mesmo usava a política como contexto musical e, em meados da década de 1960, esse uso musical político ideológico fica mais evidente. Tanto pelo momento político pelo qual passava o país quanto pelo novo mercado musical que surgiu devido ao momento político. A música virou uma “arma” ideológica perigosa para o sistema e foi crucial para que as camadas menos favorecidas recebessem a informação sobre o cenário político.

A MPB nacionalista e engajada era a expressão autêntica da brasilidade e foi um movimento legítimo e espontâneo de “socialização da cultura” e de busca de “conscientização política” das classes médias e populares. (NAPOLITANO, 2002, p. 66)

A MPB se popularizou e muito disso se deve a “Era dos Festivais”, principalmente a TV. Os festivais começaram no início dos anos 1960. Foram esses festivais da música popular brasileira que contribuíram para que esta se tornasse famosa no Brasil todo. O primeiro festival na realidade foi feito em 1960 pela TV e rádio Record, não teve grande repercussão, não é lembrado porque não teve sucesso, também não tinha as músicas que mais tarde fariam dos Festivais verdadeiras apoteoses da MPB como mostra Zuza Homem de Mello (2003, p. 17) “(...) nem todos se lembram que o primeiro festival competitivo de canções na história da música popular brasileira foi promovido no final de 1960 pela Rádio e TV Record (...)”. O sucesso definitivo veio a partir

de 1965 com a transmissão dos programas pelas TVs. Foi posto no ar jovens que compunham músicas destoantes, bem diferentes dos dois movimentos que até então predominava, como a Bossa Nova que cantava a zona sul carioca e o amor e a Jovem Guarda que cantava sobre festas e namoros. Como mostra os dois trechos abaixo: Um Bossa Nova e outro Jovem Guarda. Este, com a música Quero que tudo vá para o Inferno.

De que vale a minha boa vida de play boy
Se entro no meu carro e a solidão me dói
Onde quer que eu ande tudo é tão triste
Não me interessa do que de mais existe
Quero que você me aqueça nesse inverno
E que tudo mais vá pro inferno.⁵

Aqui, um trecho de uma música Bossa Nova, intitulada Só Tinha de Ser com Você:

É, só tinha de ser com você,
Havia de ser pra você,
Senão era mais uma dor,
Senão não seria o amor,
Aquele que a gente não vê,
O amor que chegou para dar
O que ninguém deu pra você.
O amor que chegou para dar
O que ninguém deu pra você.⁶

O Golpe antes do Golpe

Ele disse muito bem:/"O povo de quem fui escravo /Não será mais escravo de ninguém"(...) (...) O meu sangue é uma remissão /A todos que fizeram reação /Eu desejo um futuro

⁵ Música **Quero que tudo vá para o Inferno** – Compositor Roberto Carlos e Erasmo Carlos – Intérprete Roberto Carlos - Lançamento 1965 – Jovem Guarda.

⁶ Música **Só Tinha de Ser com Você** – Compositor Antônio Carlos Jobim – Lançamento 1964 – Bossa Nova – Intérprete Elis Regina.

cheio de glória /Minha morte é bandeira da vitória /Deixo a vida
pra entrar na história.⁷

Para falar da ditadura civil-militar brasileira, é preciso voltar alguns anos na trágica e frágil história democrática brasileira, mais precisamente em 1954, ano em que Getúlio Vargas impediu o golpe com um tiro no peito. O país passou por uma comoção nacional, todos ficaram impressionados ao ouvir no rádio, através da Rádio Nacional, o ministro da fazenda Oswaldo Aranha anunciar a morte e ler a Carta-Testamento deixada por Getúlio: “Eu vos dei a minha vida. Agora ofereço a minha morte. Nada temo. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na história”⁸. Vargas era atacado violentamente pelos seus opositores. Essa é uma crise que foi fomentada ainda mais pela oposição política, uma crise que tinha no seu cerne principalmente as medidas tomadas por Vargas em relação aos mais pobres, como o aumento em 100% do salário mínimo, uma ideia proposta por João Goulart seu ministro do Trabalho. O ato desesperado de Vargas, tendo em vista o desenrolar da “teia” que já estava envolto foi na verdade um tiro no pé dos golpistas. Getúlio, mesmo sem saber, conseguiu manter o país mais algum tempo na frágil democracia.

A chamada crise de agosto é, na realidade, o desfecho de uma situação crítica que se inaugurara com o próprio Governo. No momento em que, na origem das insatisfações e dos embaraços políticos, localiza-se a figura do Presidente e sua herança de poder discricionário e personalista, todos os trunfos são usados para tentar depô-lo. As constantes ambiguidades do Governo junto aos partidos e aos militares, que permeia sua pregação política e econômica, facilitam a tarefa oposicionista. Alvo de críticas da maioria dos setores, o Governo não consegue formar bases alternativas de apoio, e o afastamento do Presidente, em dado momento, é uma demanda quase que consensual. A dramaticidade em torno do seu suicídio traz a possibilidade de um revanchismo contra os que mais se haviam destacado na campanha oposicionista, ao mesmo

⁷ Música **Ele Disse** - Compositor Edgar Ferreira, 1956. Intérprete: Jackson do Pandeiro. Musicou a Carta Testamento de Getúlio Vargas.

⁸ Carta-Testamento escrita por Vargas na noite de sua morte. Disponível em: <<http://www0.rio.rj.gov.br/memorialgetuliovargas/conteudo/expo8.html>>. Acesso em: 02 maio 2017.

tempo em que propicia reabilitar historicamente a herança política de Vargas. Os conflitos políticos e militares que se sucedem até a posse de Juscelino Kubitschek inscrevem-se nesse quadro de referências, mas gradativamente se redefine a dinâmica política do sistema no sentido da manutenção do regime e das instituições, incluindo a incorporação definitiva do getulismo ao sistema partidário via aliança PSD-PTB. (D'ARAÚJO, 1992, p. 32)

E assim veio o sucessor Juscelino Kubitschek⁹ com o vice João Goulart. Passando de 1954 para 1955, em meio a uma conturbada eleição presidencial, o Marechal Teixeira Lott garantiu a posse do recém-eleito presidente e em janeiro de 1956, JK, como era conhecido, tomou posse. Um governo moderno e dinâmico com uma política chamada de nacionalismo-desenvolvimentista, como mostra Skidmore (1982, p. 207), “a estratégia de Kubitschek merece o rótulo de ‘nacionalismo desenvolvimentista’, e não simplesmente ‘desenvolvimentista’, tal a forma pela qual foi apresentada ao povo brasileiro’ com um objetivo grandioso e ousado que era “cinquenta anos em cinco”, crescer 50 anos em 5 anos era a principal meta de JK. Os anos dourados, como ficaram conhecidos, deram ao Brasil a evolução proposta. Lançou o Plano de Metas, construiu a capital Brasília e a indústria automobilística se desenvolveu aceleradamente. Juscelino cumpriu o que prometeu. Mas todo esse “desenvolvimento” trouxe prejuízos também, como o aumento da dívida externa, uma crescente dominação de nosso mercado interno pelas empresas multinacionais e uma grande instabilidade econômica com a inflação. Como mostra Lilia Schwarcz e Heloisa Starling:

O Plano de Metas viabilizou as condições para o ingresso do Brasil num estágio avançado de industrialização, mas sem criar condições reais para isso. Na pressa de mudar o patamar de desenvolvimento do país em apenas cinco anos, Kubitschek improvisou: investiu na aceleração do crescimento sem avaliar o financiamento do processo. E optou pelo atalho, facilitando a entrada de capitais externos no país por meio da concessão de privilégios fiscais e econômicos, e aceitando depender de

⁹ Mineiro de Diamantina, **Juscelino Kubitschek de Oliveira** foi o 21º Presidente do Brasil.

financiamentos internacionais para acelerar o crescimento industrial os atalhos acarretaram três tipos de prejuízo. O primeiro foi a relativa facilidade com que empresas estrangeiras assumiram o controle de setores do desenvolvimento econômico brasileiro. O segundo veio com o aumento constante dos déficits da balança de pagamentos, seguido da conseqüente ampliação da dívida externa. O terceiro resultou da decisão de crescer com inflação. (SCHWARCZ, STARLING, 2015, p. 422)

Passados mais de seis anos desde a morte de Vargas, Jânio Quadros¹⁰ assumiu o poder, momento de configuração do golpe, pois Jânio não concluiu o seu mandato, gerando suspeitas em relação a sua renúncia. Quadros alega pressão de “forças terríveis¹¹”, como mostra em sua carta-renúncia, mas não um motivo plausível e sua renúncia foi aceita prontamente. Jânio fez o que Vargas não fez: renunciou.

Mais uma vez Carlos Lacerda, o demolidor de presidentes e então Governador de Guanabara (o grande Rio), liderou o ataque (SKIDMORE 1982, p. 247). O udenista não perdeu tempo e desestabilizou o governo Quadros, assim como já tinha feito antes com Vargas e depois com Kubitschek. Com esses dois o motivo apresentado foi a corrupção, já com Quadros a política externa, como mostra Skidmore.

Era a mesma técnica que empregara anteriormente contra Vargas e que havia tentado contra Kubitschek. Contra esses dois conseguira utilizar a pecha da corrupção. Contra quadros usou a política externa “independente”. Lacerda passou a fazer ataques pelo rádio e pela televisão, no intuito de entrar em conflito direto com Quadros. (SKIDMORE, 1982, p. 247)

João Goulart, que no momento da renúncia estava na China tinha se tornado o presidente da república. Mas o que ocorre é que não queriam Jango como presidente. Mesmo a constituição de 1946 garantindo que quem toma posse caso o presidente falte é o vice, houve uma demora de 10 a 15 dias para que Goulart chegasse ao palácio presidencial. Essa demora deixou claro a

¹⁰ Jânio da Silva Quadros, 22º Presidente do Brasil.

¹¹ **Carta-renúncia**. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70497>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

crise e a instabilidade que se implantara. Mesmo indo ao poder depois de muitas lutas por parte de seus correligionários, Goulart chega em um sistema parlamentarista. Pela primeira vez o Brasil vive esse sistema.

Enquanto os militares se dividiam quanto à posse de Jango, crescia a opinião pública exigindo que a Constituição fosse observada e Goulart empossado com sucessor legal. Essa opinião “legalista” representava uma frente ampla. Primeiramente, incluía a “forças populares”, lideradas por estudantes esquerdistas, líderes trabalhistas e intelectuais. (SKIDMORE, 1982, p. 259)

Não deixar Jango assumir o poder era ir contra todos os votos que ele tinha recebido na eleição de 1960. Ele derrotou o adversário que era da chapa de Quadros com um número considerável, impedi-lo de assumir era negligenciar esses votos. Então, a solução dos militares ministros foi o parlamentarismo, ou seja, limitar o poder ao presidente, deixando claro que na hora da crise a opinião militar é decisiva. Em 7 de setembro de 1961 tomou posse. Teve jogo de cintura e governou de 1961 a 1963 como parlamentarista, ganhando a opinião pública e o apoio de algumas oposições. Através dos Legalistas conseguiu, por um plebiscito, recuperar o presidencialismo. Mas o problema continuava sendo a oposição militar.

Durante quatorze meses, de setembro de 1961 a janeiro de 1963, Jango manobrou cuidadosamente a fim de recuperar os poderes presidenciais, ganhando a aprovação popular em um plebiscito para a abolição do Ato Adicional que havia estabelecido o sistema parlamentar. (SKIDMORE, 1982, p. 264)

Desde o início de seu mandato como presidente, Jango não tinha apoio no Congresso Nacional. Essa falta de apoio trouxe instabilidade já que não conseguia aprovar nenhum projeto. A saída foi buscar apoio populacional, a mobilização das classes populares, a fim de obter apoio social.

Ocorre que a partir da retomada do presidencialismo, a instabilidade se agravou: o meio empresarial e as classes dominantes estavam descontentes, e, por outro lado, as esquerdas pressionavam para que as reformas sociais prometidas fossem postas em prática. Aconteceram manifestações em todo o

Brasil, as mais famosas foram o comício na Central do Brasil no Rio de Janeiro onde reuniu 300 mil trabalhadores e a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, o primeiro em favor a Jango e a segunda o maior movimento de oposição a Jango. A mídia cuidou para que a tal crise se agravasse, o clima era todo favorável aos militares, só tinham que tomar a iniciativa. Como diz Fico (2004, p. 15): “O golpe, porém, dependia de iniciativa propriamente militar, e as evidências de que dispomos apontam certa tibieza da parte dos oficiais-generais de fato importante. ”

Em 31 de março Olímpio Mourão Filho atravessou o Estado na madrugada do 1º de abril e invadiu o Rio de Janeiro vindo de Minas Gerais com sua tropa. Mourão foi precoce, dada a sua impaciência, e mesmo sabendo que sua iniciativa não era bem vista pelos outros conspiradores militares ele adentrou o Rio de Janeiro sem dificuldades e viu ainda as forças legalistas aderirem ao movimento.

Suas tropas avançaram lentamente e acabaram por receber aos poucos a adesão das forças legalistas. Surpreendidos pela iniciativa de Mourão, e sem conseguir dissuadi-lo, os principais conspiradores perceberam que já era tarde demais: tomaram as iniciativas possíveis para que o golpe se completasse. (FICO, 2004, p. 16)

O golpe foi antes do golpe propriamente, ele não ocorreu com a retirada de Jango do poder em 1964, não somente, ele teve início em 1961 com a renúncia de Jânio, com a implantação do parlamentarismo e com a barreira imposta pelos militares ministros que não aceitavam João Goulart como presidente. Diziam inclusive que se ele voltasse ao Brasil da visita que fazia a China, seria preso. Jango foi “teimoso”, conseguiu, com “jogo de cintura”, virar o jogo e ser presidente, mas a situação em que estava continuava complicada, com os militares acompanhando de perto tudo. Como diz Tavares, “a queda foi rápida, mas a conspiração foi longa” (TAVARES, 2014, p. 15). O golpe

Começou em setembro de 1961, quando João Goulart assumiu a presidência da República, em Brasília, dois anos e sete meses antes desse anoitecer de 1º de abril de 1964, em que ele deixou a cidade e o poder tal qual havia chegado: voando

às pressas, assediado, aplaudido e acuado. (TAVARES, 2014, p. 15)

O golpe em João Goulart começou bem antes do 1º de abril de 1964, tudo teve início na renúncia de Jânio Quadros. Foi minucioso e bem orquestrado, com participação interna e externa, teve militares, empresários, latifundiários, políticos, diplomatas, jornalistas (o golpe foi midiático), publicitários, bispos, padres etc, com milhões de dólares envolvidos, todos temendo um regime comunista. Como mostra-nos Delgado:

“Destacaram-se entre eles: a União Democrática Nacional (UDN), setores das forças armadas, igreja católica conservadora, proprietários rurais, a maior parte do empresariado nacional e investidores internacionais. Uniram-se em forte atuação desestabilizadora de seu governo, que culminou com o golpe que o destituiu”. (DELGADO, 2009, p. 126)

Porém, nem mesmo os grandes conspiradores acreditavam que aconteceria, mas aconteceu. João Goulart voou para o Rio Grande do Sul e de lá depois para o Uruguai. Quinze dias depois do golpe o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco se tornou o primeiro presidente do período da Ditadura.

MPB: Ferramenta Ideológica no palco de batalha da Ditadura Militar

Já podaram seus momentos/Desviaram seu destino/Seu sorriso de menino/Quantas vezes se escondeu/Mas renova-se a esperança/Nova aurora a cada dia/E há que se cuidar do broto/ Pra que a vida nos dê/Flor, flor e fruto¹²

O ano de 1964 chegou devastando a democracia e formando uma nova classe social, conservadora e alienada, pautada no ódio e respaldada pela repressão. Foi nesse embalo que a MPB emergiu e trazia em sua tônica o intuito de “desalienar”, de denunciar, de esclarecer. Logo após o golpe um grupo de artistas ligados ao CPC¹³ reuniu-se para fazer resistência à ditadura militar que se instaurou no país. Zé Kéti, João do Vale e Nara Leão fizeram o

¹² Música **Coração de Estudante** – Compositor Wagner Tiso – Lançamento 1969 – Interprete Milton Nascimento.

¹³ Centro Popular de Cultura da União Nacional dos Estudantes.

show musical "Opinião", com direção de Augusto Boal. "Opinião"¹⁴, música que deu origem ao teatro Opinião, fez crítica a retirada das favelas do morro, encabeçada por Carlos Lacerda e que ganhou fôlego com o golpe. Como mostra a música de Zé Kéti.

Podem me prender
Podem me bater
Podem, até deixar-me sem comer
Que eu não mudo de opinião

Em um de seus primeiros atos, uma junta militar, logo após o 31 de março, baixa o AI1 (Ato Institucional nº 1) fechando todas as organizações que pudesse levar perigo ao sistema. Isso se deve a insegurança que alguns políticos se encontravam, eles achavam que somente pelo convencimento da razão não seria suficiente para persuadir sobre a importância da "Revolução" e devia ser tomado uma atitude mais radical. O AI-1 promoveu mudanças radicais na legislação brasileira através de seus artigos. Estabeleciam-se, a partir do AI-1, as eleições indiretas para Presidente da República, promovendo o general Humberto de Alencar Castelo Branco como primeiro eleito pelo Colégio Eleitoral. Esse novo sistema de eleição para presidente era como um escudo para o regime na vitrine internacional, como o presidente era eleito por um Colégio Eleitoral, disfarçadamente aparentava-se certa imagem de democracia no país. O que propriamente não era verdade.

Com o Ato Institucional nº 1, decretado na primeira semana de abril de 64, a ditadura militar fechou organizações que a punham em perigo: a Central Geral dos Trabalhadores (CGT), as Ligas Camponesas, a União Nacional dos Estudantes e os CPC's. Nesse cenário de cassações, censura e repressão a partidos políticos, à sociedade civil, a cultura era uma das poucas alternativas de oposição. Cultura, aqui, não é tomada como uma categoria distante da política, mas como um modo de luta para transformação do real, e cultura não apenas como um evento organizado. (VILARINO, 1999, p. 53)

De 1964 a 1968 a MPB não teve grandes problemas com a ditadura, ela não foi extremamente censurada, não muito vigiada. A partir de então, os

¹⁴ Música/Teatro **Opinião** – Compositor Zé Kéti – Lançamento 1964.

Festivais tiveram papel importante. Foi no contexto dos Festivais que os jovens cantores/compositores mostraram suas posições políticas. A partir de 1967 os Festivais começaram a ficar mais críticos e as músicas começam a deixar mais evidente em suas letras as críticas ao sistema. Neste mesmo ano, no III Festival da Record, Roberto Carlos, símbolo da Jovem Guarda, que de certa forma nunca cantou contra o regime, participou do festival cantando MPB, ele interpreta “Maria, Carnaval e Cinza”¹⁵ de Luiz Carlos Paraná, uma música que fala da mortalidade infantil e a desigualdade social. A morte da pequena Maria era a realidade no momento: mortalidade infantil sem nenhuma política ou perspectiva de melhora.

Nasceu Maria, quando a folia,
Perdia a noite, ganhava o dia,
Foi fantasia seu enxoval,
Nasceu Maria, no carnaval,
E não lhe chamaram,
Assim como tantas,
Marias de santas,
Marias de flor,
Seria Maria,
Maria somente,
Maria semente...

A medida em que as críticas ficavam mais evidentes e duras, a recessão foi aumentando e a repressão também. Em 1968, já no governo Costa e Silva, foi promulgado o mais terrível dos AIs, o Ato Institucional nº 5. De 1968 a 1974, o período mais rigoroso do regime, as músicas ficaram conhecidas como “canção dos anos de chumbo”. Caminhando lado a lado com o AI-5, que vigorou de 13 de dezembro de 1968 a dezembro de 1978, a MPB virou um mecanismo de resposta ao sistema, apresentando ao país os anos mais duros, os anos mais cruéis, aqueles que perseguiram, mataram e exilaram de forma arbitrária.

O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-

¹⁵ Música **Maria, Carnaval e Cinzas** - Compositor Luís Carlos Paraná, ano de lançamento 1967, intérprete Roberto Carlos, III Festival da Record.

1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados. (CPDOC. FGV. **AI-5**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em: 02 maio 2017)

A promulgação do Ato foi decorrente de um ano intenso, conhecido como “1968: o ano que não acabou” (Zuenir Ventura), resistências ocorreram no mundo todo. No Brasil em junho deste mesmo ano aconteceu a Passeata dos Cem Mil: milhares de trabalhadores, estudantes, artistas, intelectuais, professores e religiosos saíram às ruas para se manifestar contra o regime. A paciência dos militares se esgotou quando o Deputado Márcio Moreira Alves, do MDB, em um discurso na câmara, fez duras críticas ao regime. Foi então que em 13 de dezembro de 1968 era promulgado o mais duro dos AIs.

Entre outras medidas, o AI-5 autorizava o presidente da República a decretar o recesso do Congresso Nacional, suspender o direito de habeas-corpus, cassar mandatos eletivos e suspender por dez anos os direitos políticos de qualquer cidadão. Logo após sua edição, o Congresso foi posto em recesso por tempo indeterminado e foram presos vários jornalistas e políticos, entre eles o ex-presidente Juscelino Kubitschek. (CPDOC. FGV. **AI-5**. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em: 02 maio 2017)

Foi em 1968 que surgiria a mais contestadora das músicas durante o período, “Pra não dizer que não falei das flores”, letra que desafiava, falava da juventude, de ideias diferentes, fazia referências a passeatas onde se juntavam estudantes, jornalistas, operários, intelectuais, religiosos, artistas e outros. O refrão chamava as pessoas para a ação, o que caracterizou uma mudança no jeito de fazer música, que até então cantava o amanhã, o dia que viria, essa chamou o povo para o agora, falou da reforma agrária, “pelos campos a fome em grandes plantações”, da obediência exigida e exercida nos quartéis, onde muitas vezes os soldados nem sabem porque lutam, mas sempre lutam,

armados, esperando de prontidão. Como nos diz Verônica Karina Ipólito (2016, p. 28), “Caminhando’ tornou-se um hino emblemático do incitamento revolucionário opositor ao regime militar a ponto de se tornar símbolo das lutas de 1968 e um chamado à guerrilha”. Se 1968 foi o início do período mais duro do regime, foi também o mais rico em resistência. A MPB cresceu e já era um marco no contexto sócio-político. A música era revolucionária e provocava o ouvinte, o despertando para a luta, pela busca da liberdade. Mas não somente, ela visava conscientizar a população de classe média a enxergar a condição do Brasil, a miséria e a pobreza que acometia o país.

Pra não dizer que não falei das Flores¹⁶

Caminhando e cantando/E seguindo a canção/Somos todos iguais/Braços dados ou não/Nas escolas, nas ruas/Campos, construções/Caminhando e cantando/E seguindo a canção

Vem, vamos embora/Que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora/Não espera acontecer (2x)

Pelos campos há fome/Em grandes plantações pelas ruas marchando/Indecisos cordões/Ainda fazem da flor/Seu mais forte refrão/E acreditam nas flores/Vencendo o canhão

Vem, vamos embora/Que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora/Não espera acontecer

Há soldados armados/Amados ou não/Quase todos perdidos/De armas na mão/Nos quartéis lhes ensinam/Uma antiga lição/De morrer pela pátria/E viver sem razão

Vem, vamos embora/Que esperar não é saber/Quem sabe faz a hora/Não espera acontecer (2x)

Nas escolas, nas ruas/Campos, construções/Somos todos soldados/Armados ou não/Caminhando e cantando/E seguindo a canção/Somos todos iguais/Braços dados ou não

Os amores na mente/As flores no chão/A certeza na frente/A história na mão/Caminhando e cantando/E seguindo a canção/Aprendendo e ensinando/Uma nova lição

A MPB tornara-se a ferramenta necessária para chegar ao povo, para o ajudar a conscientizar, como mostra Vilarino (1999, p. 68) ela é “antes de mais nada, uma música que carrega a possibilidade de mudança e do sonho, na qual as metáforas indicam onde chegar” (Vilarino 1999, p. 68). O palco do

¹⁶ Música **Pra não dizer que não falei das flores** - compositor Geraldo Vandré, ano 1968. III Festival Internacional da Canção.

Maracanãzinho onde era apresentado os festivais virou palco de luta, campo de batalha. Os cantores continuaram a cantar suas impressões do regime, continuavam a mandar seus recados, como diz Napolitano (2010, p. 391), a MPB dos anos 1970 alinhavou a chamada “rede de recados” contra a ditadura, recados esses que expressavam a consciência e os desejos reprimidos das coletividades que, ao tornarem-se canção, tomam consciência de si. Foi assim com Chico Buarque que em 1970 lançou em um compacto *Apesar de Você*¹⁷, música que atacou diretamente o presidente militar Médici, e que logo após foi censurada. Emilio Garrastazu Médici, administrou o período que ficou conhecido como “anos de chumbo”, mas também foi aquele que deu início ao fim do regime, começando a “abertura política”. O período de seu governo foi de 1969 a 1974, e seu partido o Arena.

(...) Apesar de você
Amanhã há de ser
Outro dia
Eu pergunto a você
Onde vai se esconder
Da enorme euforia
Como vai proibir
Quando o galo insistir
Em cantar
Água nova brotando
E a gente se amando
Sem parar (...)

A música composta em 1970 é o cartão de visita de Chico em sua volta do exílio. Ao chegar notou que o regime estava mais endurecido e o ano era de euforia devido a copa do mundo que iria acontecer no México de maio a junho daquele ano. O ufanismo estava presente em adesivos de carros e até em canções. Frases como “Brasil, Ame-o ou deixe-o” e “Ninguém Segura esse País!” eram recorrentes nas ruas, a canção “Pra frente Brasil”¹⁸ gravada em consequência da vitória da seleção do Brasil no México também é um exemplo a situação.

Noventa milhões em ação

¹⁷ Música **Apesar de Você** – Compositor Chico Buarque – Lançamento 1970 – Intérprete Chico Buarque.

¹⁸ Música **Pra Frente Brasil** - Compositor Miguel Gustavo – Lançamento 1970.

Pra frente, Brasil
Do meu coração
Todos juntos vamos
Pra frente, Brasil
Salve a Seleção!

A euforia era imensa e o General Presidente Médici aproveitou a situação usando a copa e a vitória da seleção em seu favor, propagando campanhas publicitárias ufanistas, ideológicas através de músicas, artistas, slogans e até anúncios de filmes e jornais. O futebol foi um aliado para transparecer uma certa normalidade no país. A estratégia era de união nacional, algumas emissoras de TVs também entraram no jogo oficial e no clima do governo. A estratégia era a não contestação.

Outro dado importante é que se a MPB foi a música política de resistência, também existiu a música popular que foi condizente com o regime. O fato de haver uma vertente musical que fazia propaganda para o sistema contribuiu para existir a música que fazia frente ao regime. Música de Dom da dupla Dom e Ravel, “Eu te amo, Meu Brasil”¹⁹ era tocada a todo momento no rádio.

As praias do Brasil ensolaradas/O chão onde o país se elevou
A mão de Deus abençoou/Mulher que nasce aqui/Tem muito
mais valor

O céu do meu Brasil tem mais estrelas/O sol do meu país mais
esplendor/A mão de Deus abençoou/Em terras brasileiras/Vou
plantar amor

Eu te amo meu Brasil, eu te amo/Meu coração é verde,
amarelo, branco, azul, anil/Eu te amo meu Brasil, eu te
amo/Ninguém segura a juventude do Brasil

As tardes do Brasil são mais douradas/Mulatas brotam cheias
de calor
A mão de Deus abençoou /Eu vou ficar aqui/Porque existe amo

Muitos outros se encantaram com o sistema e fizeram músicas apologéticas, fazendo a “alegria” do governo. Jair Rodrigues, Martinho da Vila, Roberto Carlos, Dom e Ravel, Wilson Simonal são alguns que cantaram o apoio ao regime militar. Sambas enredos também fizeram sua parte “exaltativa”

¹⁹ Música **Eu Te Amo, Meu Brasil** – Compositor Dom – Lançamento 1970.

para o governo e até mesmo Elis Regina, a qual só foi se livrar da imagem de cantora do sistema em 1979 ao interpretar “O Bêbado e a Equilibrista”²⁰. Todos participaram do coro dos contentes. É um erro acreditar que a música só foi resistente, ela também contribuiu para alavancar o sistema. Ela ajudou em alguns casos a propagar ideias e passar uma imagem de que o Brasil estava no caminho certo, que o governo estava fazendo o melhor pra todos.

A política de aproximação da música popular foi uma prática constante do governo, na tentativa de dialogar com as massas. Não obstante a censura, o regime não apenas tolheu e cortou versos, mas tentou dialogar com aqueles que via como representantes do “gosto popular”. A prática do regime em relação à música popular não está muito distante da relação que os ditadores tiveram com o futebol. (ALONSO, 2011, p. 73)

Fazer propaganda exaltando o sistema não estava muito difícil, de forma que o país passava pelo tal “milagre econômico”, onde a imagem que se mostrava era que tudo corria muito bem e estava sendo ótimo para a população. No período de 1969 até 1973 o país passava por um excepcional crescimento econômico, este crescimento foi alavancado pelo PAEG (Programa de Ação Econômica do Governo) implantado em 1964, durante o governo de Castelo Branco. De certa forma sempre que há um plano de aceleração econômica há também um aumento desenfreado da inflação e da dívida externa, falando de forma rasa. Foi assim na política de JK de “50 anos em 5” e foi assim no “milagre econômico”. Junto da euforia em relação ao futebol tem a euforia do chamado “milagre econômico”. O crescimento econômico ocorrido no período de 1969 a 1974 era evidente, o que ajudou no avanço da construção civil que foi um dos setores que mais expandiu. Em 1971 Chico Buarque lança uma música intitulada “Construção”²¹, a letra narra a história de um trabalhador da construção civil morto em trabalho. A música faz uma forte crítica a alienação do trabalhador e ao capitalismo que reduz esse trabalhador a condição mecânica. Esse operário sem identidade, faz seu trabalho sem questionar, como um robô, parece tão normal que o faz automaticamente, é um “obedecer ou ser punido” como era o contexto da

²⁰ Música **O Bêbado e a Equilibrista** – Compositores Aldir Blanc e Joao Bosco – Lançamento 1979 – Interprete Elis Regina.

²¹ Música **Construção** – Compositor Chico Buarque – Ano de Lançamento 1971

ditadura militar. Quando o operário morre, não é uma vida que perde, mas há uma constatação de que ele apenas atrapalha o sistema e a sociedade.

Amou daquela vez como se fosse a última/Beijou sua mulher
como se fosse a última
E cada filho seu como se fosse o único/E atravessou a rua com
seu passo tímido
Subiu a construção como se fosse máquina/Ergueu no patamar
quatro paredes sólidas
Tijolo com tijolo num desenho mágico/Seus olhos embotados
de cimento e lágrima
Sentou pra descansar como se fosse sábado/Comeu feijão
com arroz como se fosse um príncipe
Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago/Dançou e
gargalhou como se ouvisse música
E tropeçou no céu como se fosse um bêbado/E flutuou no ar
como se fosse um pássaro
E se acabou no chão feito um pacote flácido/Agonizou no meio
do passeio público
Morreu na contramão atrapalhando o tráfego
Amou daquela vez como se fosse o último/Beijou sua mulher
como se fosse a única
E cada filho como se fosse o pródigo/E atravessou a rua com
seu passo bêbado
Subiu a construção como se fosse sólido/Ergueu no patamar
quatro paredes mágicas
Tijolo com tijolo num desenho lógico/Seus olhos embotados de
cimento e tráfego
Sentou pra descansar como se fosse um príncipe/Comeu feijão
com arroz como se fosse o máximo
Bebeu e soluçou como se fosse máquina/Dançou e gargalhou
como se fosse o próximo
E tropeçou no céu como se ouvisse música/E flutuou no ar
como se fosse sábado
E se acabou no chão feito um pacote tímido/Agonizou no meio
do passeio náufrago
Morreu na contramão atrapalhando o público
Amou daquela vez como se fosse máquina/Beijou sua mulher
como se fosse lógico
Ergueu no patamar quatro paredes flácidas/Sentou pra
descansar como se fosse um pássaro
E flutuou no ar como se fosse um príncipe/E se acabou no
chão feito um pacote bêbado
Morreu na contra-mão atrapalhando o sábado...

Como mostra Albuquerque “Ninguém segurava aquele país”, o milagre econômico em pleno vapor, o desenvolvimento adotado permitiu grandes investimentos, o PIB crescia ano a ano e o país passava por uma grande estruturação. Esse “progresso” dá a impressão de crescimento, de evolução, de modernidade e de país em desenvolvimento. Como diz Celio Albuquerque:

As montadoras do ABC paulista despejavam milhares de carros nas ruas com foco na classe média (do Volkswagen ao

Dodge Dart, passando pelo Opala), milhões de aparelhos de televisão invadiam os lares brasileiros. Inaugurava-se a era dos supermercados e dos shopping centers. Revelava-se a descoberta de jazidas de urânio no Nordeste e anunciava-se a compra de uma usina atômica, a ser montada em Angra dos Reis. Médici determinava a construção da rodovia Transamazônica, em nome da integração nacional e da expansão da fronteira agrícola, e estendia-se a duzentas milhas da costa o limite das águas territoriais brasileiras. Aceleravam-se as obras para a abertura dos metrô do Rio de Janeiro e de São Paulo e anunciava-se a construção da ponte Rio-Niterói. (ALBUQUERQUE, 2013, p. 24)

Ter a música “ufânica” bajulando o sistema fez a MPB crescer ainda mais como resistência. Em 1973 Gilberto Gil e Chico Buarque cantam “Cálice”²² e, mais uma vez, metaforicamente passam a mensagem necessária em relação a crítica social: “Pai, afasta de mim este cálice/ De Vinho Tinto de Sangue (...)”. A crítica foi de encontro com a política de silêncio que o regime impôs. Calar-se diante das desigualdades, da repressão, para quem lutava pela democracia o silêncio também era uma forma de morte, essa ambiguidade “cálice” com “cale-se” era o ponto central, onde a ideia era explorar o duplo sentido das palavras.

A censura que chegou com o AI-5 foi severa e mutilou o meio cultural. Ela atingiu a todos: artistas, jornais, revistas e televisão. O que ocorre é que os cantores/compositores das eras dos festivais tem que se exilar por motivos óbvios e surge então uma nova geração de cantores/compositores que vai reagir ao regime. “Secos e Molhados”, com Ney Matogrosso no comando intriga a sociedade. O próprio Ney é a encarnação da resistência, mesmo não cantando músicas de cunho político abertamente. O jeito de se vestir, a maquiagem pesadíssima, o dorso despido, rebolando como nunca, com uma estética toda particular, isso já é a própria resistência ao sistema, em anos como a ditadura isso era quase inadmissível.

Taiguara, também membro dessa nova geração e um dos artistas mais censurados da MPB durante a ditadura, compôs em 1973 a música “Que as crianças cantem livres”²³, na qual fala dos problemas sérios daquele momento, mas com esperança de um futuro melhor, onde crianças fossem livres e pudessem sonhar.

²² Música **Cálice** – Compositores Chico Buarque e Gilberto Gil – Ano de Composição 1973 – Lançamento 1978.

²³ Música **Que as Crianças Cantem Livres**, Compositor Taiguara – Ano de Lançamento 1973.

...E que as crianças cantem livres sobre os muros
E ensinem sonho ao que não pode amar sem dor
E que o passado abra os presentes pro futuro
Que não dormiu e preparou o amanhecer.

O milagre econômico deixou de fazer milagres. No ano de 1973 com a crise do petróleo no mundo todo o sistema econômico brasileiro sentiu e também quebrou, o legado foi aumento na concentração de renda e, conseqüentemente, aumento na desigualdade social e na pobreza. Como diz Albuquerque (2013, p. 24), “quando o milagre definiu, estávamos, de maneira perversa, diante da ampliação da concentração de renda no Brasil e do aumento da miséria”. A crise do petróleo fez a inflação aumentar muito e era só o começo da luta do Brasil com inflação.

A canção de protesto passa por dois períodos nesse momento, o primeiro que vai de 1969 a 1974, como diz Napolitano, intitula-se “canção dos anos de chumbo”, o segundo que vai de 1975 a 1982, “canção da abertura”. Napolitano aponta:

A ansiedade coletiva por uma nova era de liberdade que, todavia, ainda não havia chegado, transformando-se em iminência, experiência limite entre dois impulsos nem sempre conciliáveis na tradição crítica: o ético político e o erótico. A era de violência extrema havia passado, mas a era de liberdade ainda não havia começado. Daqui surge uma primeira hipótese sobre a canção da abertura, pautada na percepção de um “entrelugar” que se manifestará como expressão poético-musical e experiência histórica (...) (NAPOLITANO, 2010, p. 391)

“E nada como um tempo após um contratempo”²⁴, o tempo passou e Geisel deu continuidade ao que iniciou Médici, a abertura política. O contratempo foi na verdade as mortes causadas pela repressão nos porões da ditadura, que chamaram a atenção do mundo, fazendo com que fosse pensado de vez na “abertura política”, claro que lenta, muito lenta, quase que moroso. Em 1979, “O Bêbado e a Equilibrista”²⁵ traz uma letra que canta a ordem, o desabafo, a letra faz uma alusão às esposas do operário Manuel Fiel Filho e do jornalista Vladimir Herzog, assassinados sob tortura pelo exército. Além de ser um pedido da população a anistia ampla, um movimento consolidado no final dos anos 1970.

²⁴ Música **Jorge Maravilha** – Compositor Julinho da Adelaide (Chico Buarque) – Ano de Lançamento 1974

²⁵ Música **O Bêbado e a Equilibrista** – Compositores João Bosco e Aldir Blanc – Ano de Lançamento 1979

Caía a tarde feito um viaduto/E um bêbado trajando luto
Me lembrou Carlitos.../A lua/Tal qual a dona do bordel
Pedia a cada estrela fria/E nuvens!

Lá no mata-borrão do céu/Chupavam manchas torturadas
Que sufoco!

Louco! /O bêbado com chapéu-coco
Fazia irreverências mil/Pra noite do Brasil.
Meu Brasil! ...

Que sonha com a volta/Do irmão do Henfil.
Com tanta gente que partiu/Num rabo de foguete
Chora!

A nossa Pátria/Mãe gentil/Choram Marias/E Clarices/No solo
do Brasil

...
Mas sei, que uma dor/Assim pungente/Não há de ser
inutilmente
A esperança.../Dança na corda bamba/De sombrinha
E em cada passo/Dessa linha/Pode se machucar...

Azar! /A esperança equilibrista/Sabe que o show
De todo artista/Tem que continuar...

O caminho para o fim do regime era cheio de músicas diretas e objetivas, que cantavam o que a moralidade e os bons costumes costumavam tremer ao ouvir. As mulheres da MPB, em um momento que o país rumava para a democracia, cantaram a ousadia, Gal Costa em “Folhetim”²⁶ só dizia “SIM”, sem pudores, nos “botecos” da vida, descartável, principalmente se tiver “renda”. A abertura tinha chego, agora em definitivo, rumo a novamente frágil democracia, lado a lado com uma hipócrita liberdade, a música cantou o momento e seus valores momentâneos.

Se acaso me quiseres/Sou dessas mulheres que só dizem sim
Por uma coisa à toa, uma noitada boa/Um cinema, um
botequim
E se tiveres renda, aceito uma prenda/Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa, um sonho de valsa/Ou um corte de
cetim
Eu te farei as vontades/Direi meias verdades

Sempre à meia luz/E te farei vaidoso supor/Que és o maior e
que me possuis/Mas na manhã seguinte, não conta
até/Vinte/Te afasta de mim
Pois já não vales nada, és página virada/Descartada do meu
folhetim

²⁶ Música **Folhetim** – Compositor Chico Buarque - Ano Lançamento 1977/78 – Interprete Gal Costa

O regime militar foi gradualmente caminhando para a abertura, como diz Napolitano (2014, p. 254), “no começo de 1979, o governo Figueiredo prometia uma nova forma de governar, mais próxima das demandas da sociedade, embora sem abrir mão dos valores e princípios do regime, a começar pela Doutrina de Segurança Nacional”. Os anos 1980 chegaram com muita preocupação, a economia era uma delas, a inflação chegou a 110% em 1980, índices que foram basicamente motivo para a queda de João Goulart. A história chegou de repente no governo Figueiredo, como mostra Napolitano (2014, p. 255) “(...) o governo Figueiredo foi atropelado pela história (...)”.

Ao mesmo passo que se caminha para a volta da democracia na política se encaminha também a mudança da MPB como música política, ou melhor, muda-se o gênero, surgiram novas vertentes musicais, o rock político, o punk, novos jeitos de cantar o momento, de transmitir a mensagem. A ditadura militar findou-se em 1983-84 com as Diretas Já, mesmo não sendo a eleição de 1984 direta. A música “Brasil”²⁷, de Cazuza, foi composta no ano de 1984 com objetivo de criticar a decisão de se ter a eleição indireta mesmo com o movimento das Diretas Já. A letra trata o país como ele era naquele momento, como as pessoas faziam de tudo para conseguir o que queriam, vide “meu cartão de crédito é uma navalha”, fala de como o país se aliou com os imperialistas para conseguir executar o plano de tomar o poder: “Brasil qual o teu negócio? O nome do teu sócio?”

Não me convidaram/Pra esta festa pobre
Que os homens armaram/Pra me convencer
A pagar sem ver/Toda essa droga
Que já vem malhada/Antes de eu nascer

Não me ofereceram/Nem um cigarro
Fiquei na porta/Estacionando os carros
Não me elegeram/Chefe de nada
O meu cartão de crédito/É uma navalha

Brasil! /Mostra tua cara
Quero ver quem paga/Pra gente ficar assim
Brasil! /Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio? /Confia em mim

Não me convidaram/Pra essa festa pobre
Que os homens armaram/Pra me convencer
A pagar sem ver/Toda essa droga
Que já vem malhada/Antes de eu nascer

²⁷ Música **Brasil** – Compositor Cazuza – Ano 1984 – Lançamento 1987.

Não me sortearam/A garota do Fantástico
Não me subornaram/Será que é o meu fim?
Ver TV a cores/Na taba de um índio
Programada/Prá só dizer "sim, sim"

Brasil! /Mostra a tua cara
Quero ver quem paga/Pra gente ficar assim
Brasil! /Qual é o teu negócio?
O nome do teu sócio? /Confia em mim

Desde seu início a oposição ao regime foi dura e consistente, dando sempre as caras em manifestações, protestos, passeatas, shows e comícios. Estudantes, igreja, sindicatos e movimentos de bairros foram alguns que se ergueram. A ligação da música de protesto com a esquerda oposicionista era evidente, era uma mistura de arte política, política e arte que se confundiam, o texto da música podia ser discurso, o discurso fatalmente poderia virar música, num cenário onde tudo era motivo para violência, todo texto podia ter cunho político.

Em 21 anos de regime autoritário foram 21 anos de produção intensa de crítica ao estado de exceção que se instaurara. A MPB se construiu quanto música de protesto e contribuiu para a derrocada do sistema ditatorial, causando-lhe estragos junto a sociedade. Não foi por acaso, ela se fez sujeito participante da história do país, transformou-se em agente predominante da sociedade e da política.

Considerações Finais

“Viola Enluarada”²⁸ foi composta em 1967, mas pode ser o resumo que explica o sentimento de todos os artistas de uma forma geral nos anos da ditadura. “A mão que toca o violão se for preciso faz a guerra”, mais do que fazer a guerra no sentido literário da palavra, a guerra da música é no campo das ideias, ela alcança a muitos e muda mentes. E em um sistema que é gerido pela truculência mudar a mentalidade de pessoas é criar um “tipo” novo de pensador, é criar um novo homem e fazer um novo futuro para o país. O processo tinha como proposta mudar o homem através da luta, seja no embate direto ou metaforicamente pelas letras musicais.

²⁸ Música **Viola Enluarada**, Compositores: Marcos Valle e Paulo Sergio Valle. Composição: 1967.

A “moderna” MPB como música nacionalista e engajada foi construída durante 21 anos e suas bases foram a identidade nacional que estava sendo subtraída pelo sistema. A MPB como música de protesto galgou degraus de acordo com a restrição e prepotência que os militares vinham impondo, ela cresceu com seu papel de resistência e insistiu em ter um papel de agente revolucionário. A MPB é um efeito positivo em um período de governos de efeitos negativos.

Se hoje se canta livre, se o rádio tudo é permitido, é uma consequência de um dia ter-se no cenário musical um gênero que “bateu de frente” com o *status quo* e não deixou de lado o engajamento político e social que, de certa forma, é responsabilidade do ser público. A MPB se transformou em uma ferramenta de protesto quando tomou para si a incumbência de falar o proibido, de mostrar o futuro, de cantar a liberdade, quando propôs contrariar o sistema, combater a mesmice e não concordar com o conformismo.

FONTES

ADELAIDE, Julinho. **Jorge Maravilha**. Intérprete. Chico Buarque e MPB4. Álbum. O Banquete dos Mendigos. Gravadora: RCA. Disco 2. Faixa 22. 1974.

BOSCO, João; BLANC, Aldir. **O bêbado e a equilibrista**. Intérprete: Elis Regina. Álbum. Elis, Essa Mulher. Gravadora: WEA. Faixa 2. 1979.

CARLOS, Roberto; CARLOS, Erasmo. **Quero que tudo vá pro inferno**. Intérprete: Roberto Carlos. Álbum. Jovem Guarda. Gravadora: CBS. 1965. LP. Faixa 1.

CHAVES, Juca. **Presidente Bossa Nova**. Intérprete: Juca Chaves. Álbum. As Duas Faces de Juca Chaves. Gravadora: RGE. Lado A. Faixa 1. 1957.

FARIAS, Eustáquio Gomes (Dom). **Eu te Amo, Meu Brasil**. Intérprete: Os Incríveis. Álbum. Os Incríveis. Gravadora: RCA Vitor. Lado A. Faixa 3. 1970.

FERREIRA, Edgar. **Ele Disse**. Intérprete: Jackson do Pandeiro. Álbum. Forró do Jackson. Gravadora: Copacabana. Lado A. Faixa 3. 1956.

GUSTAVO, Miguel. **Pra Frente Brasil**. Intérprete: Vários Cantores. Jingle/Hino. 1970.

HOLLANDA, Francisco Buarque. **Construção**. Intérprete. Chico Buarque. Álbum. Construção. Gravadora: Phonogram/Philips. Faixa 4. 1971.

HOLLANDA, Francisco Buarque. **Apesar de Você**. Intérprete. Chico Buarque. Álbum. Chico Buarque. Gravadora: Polygram/Philips. Lado B. Faixa 6. 1978.

HOLLANDA, Francisco Buarque; Gilberto Gil. **Cálice**. Intérprete. Chico Buarque. Álbum. Chico Buarque. Gravadora: Polygram. Lado A. faixa 2. 1978.

HOLLANDA, Francisco Buarque. **Folhetim**. Intérprete. Gal Costa. Álbum: Água Viva.

Gravadora: Philips. Lado A. Faixa 2. 1978.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Chico Buarque, letra e música**. 2 volumes. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

KETI, Zé. **Opinião**. Intérprete. Nara Leão. Álbum. Opinião de Nara. Gravadora: Philips Records. Faixa 1. 1964.

LYRA, Carlos; ASSIS, Francisco de. **Canção do Subdesenvolvido**. Intérprete: Conjunto CPC. Álbum. O Povo Canta. Lado A. Faixa 1. 1962.

NETO, Agenor de Miranda Araújo. **Brasil**. Intérprete. Cazuza. Álbum: Ideologia. Gravadora: Philips. Faixa 6. 1988

PARANÁ, Luís Carlos. **Maria, Carnaval e Cinza**. Intérprete. Roberto Carlos. Álbum. Roberto Carlos San Remo 1968. Gravadora: Columbia. Faixa 3. Lançada no III Festival da Música Popular Brasileira. Intérprete. Roberto Carlos.

SILVA, Chalar Taiguara. **Que as Crianças Cantem Livres**. Álbum. Taiguara Fotografias. Gravadora: Odeon. Lado A. Faixa 1. 1973.

TISO, Wagner; NASCIMENTO, Milton. **Coração de Estudante**. Intérprete. Milton Nascimento. Composição 1969[?].

VANDRÉ, Geraldo. **Pra não dizer que não falei das flores**. Intérprete. Geraldo Vandré. Álbum. Geraldo Vandré no Chile. Gravadora: Banco Benvirá. Lado A. Faixa 1. 1969.

VALLE, Marcos; VALLE, Paulo Sergio. **Viola Enluarada**. Intérprete. Milton Nascimento. Álbum. Viola Enluarada. Gravadora: Odeon. Lado A. Faixa 1. 1967.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Célio: **1973: O Ano que Reinventou a MPB – A História por trás dos Discos que Transforaram a nossa Cultura**. Rio de Janeiro: Ed. Sonora, 2013.

ALONSO, Gustavo. Ame-o ou Ame-o: a Música Popular e as Ditaduras Brasileiras. **Vassouras**, v. 13, n. 2, p. 55-82, jul./dez., 2011.

CAMPOS, Augusto de. **Balanço da Bossa e outras bossas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

D'ARAUJO, Maria Celina. **O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política**. 2. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1992.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. O Governo João Goulart e o golpe de 1964: memória, história e historiografia. **Tempo**. v. 14, n. 28, p. 125 a 145, 2009.

DICIONÁRIO Cravo Abin da Música Popular Brasileira. **Dados artísticos de Miguel Gustavo**. Disponível em <<http://dicionariompb.com.br/miguel-gustavo/dados-artisticos>> Acesso em: 04 maio 2017.

DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO (DHBB). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Fundação Getúlio Vargas (FGV). Disponível em:

<[http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/ FatosImagens/A15](http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/A15)>. Acesso em: 02 maio 2017.

DINIZ, André; CUNHA, Diogo: **A República Cantada**: do Choro ao Funk, a História do Brasil através da Música. Ed. Zahar, 2014.

FICO, Carlos. **Além do Golpe**: Versões e Controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2004.

IPÓLITO, Verônica Karina. Música e revolução: notas sobre a resistência cultural na MPB, o regime militar no Brasil e o ensino de História. In: BRUNELO, Leandro (org.). **Ensino de História e Movimentos Sociais**: Problematizações, Métodos e Linguagens. Maringá: UEM-PGH-História, 2017, p. 21-58.

NAPOLITANO, Marcos. **História & música**: história cultural da música popular. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política (1975-1982). **Estudos Avançados**. São Paulo, v.24, n.69, 2010, p.389-402.

NAPOLITANO, Marcos. **1964**: História do regime militar. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

QUADROS, Jânio. **Carta-renúncia**. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/70497>>. Acesso em: 20 de maio de 2017.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloisa M. **Brasil**: Uma biografia. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2015.go

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castelo Branco. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1982.

TAVARES, Flavio. **1964**: O Golpe. Porto Alegre: Ed. L&PM, 2014.

VILARINO, Ramon Casas. **A MPB em Movimento**: Música, Festivais e Censura. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2006.

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena História da Música Popular Brasileira**. Ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. **“Pra Frente, Brasil” faz a exaltação do país.**
Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/90-milhoes-em-acao-para-frente-brasil>>. Acesso em: 04 maio 2017.